

## OS SUPER-HERÓIS COMO RECURSOS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO PARA O PÚBLICO INFANTOJUVENIL

Gelson Vanderlei Weschenfelder\*  
Ernani Mügge\*\*

**Resumo:** As HQs de super-heróis, além de promover entretenimento, atuam sobre o leitor, pois apresentam questões que todo ser humano enfrenta no cotidiano. Suas temáticas estão relacionadas à superação de adversidades, à construção de identidade pessoal e de gênero, à ética, entre tantos outros. Defende-se, neste estudo, sua inserção na escola, visto que elas se constituem em importante fonte de reflexão acerca da superação e do enfrentamento de situações difíceis. Apresenta-se breve histórico das HQs e se discorre sobre como esse gênero pode atuar sobre o jovem ao fazê-lo se identificar com os personagens super-heróis. Por último, expõe-se, por meio de dois exemplos, como os super-heróis podem se constituir em referência para jovens.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos. Super-heróis. Desenvolvimento humano. Educação.

### ***SUPERHEROES AS HUMAN DEVELOPMENT RESOURCES FOR THE YOUTH AND CHILDREN AUDIENCE***

**Abstract:** The superheroes of the comicbooks, in addition to promoting entertainment, act on the reader, as they present issues that every human being faces in everyday life. Its themes are related to overcoming adversity, building personal and gender identity, ethics, among many others. This study defends their insertion in the school, since they are an important source of reflection on overcoming and coping with difficult situations. A brief history of the comics is presented and it is discussed how this genre can act on the young person by making him identify with the superheroes characters. Finally, two examples are shown of how superheroes can be a reference for young people.

**Keywords:** Comic Books. Superheroes. Human development. Education.

### **Introdução**

As histórias em quadrinhos (HQs) de super-heróis, sob a ótica de grande parte da população, destinam-se especialmente ao público infantojuvenil e servem apenas para entretenimento. Essa visão, entretanto, carece de uma revisão, visto que, além de entreter, elas podem exercer outra finalidade: atuar sobre o sujeito, envolvendo-o em um processo de autoconhecimento e, por consequência, incitá-lo a tomar posicionamentos em relação a si e ao mundo.

A atuação das histórias em quadrinhos sobre o leitor ocorre porque elas introduzem e abordam, de maneira significativa, algumas questões de suma importância na vida dos seres humanos, as quais estão relacionadas ao seu cotidiano. São temas ligados à superação de adversidades, construção de identidade pessoal, elementos de ética, moral, justiça, enfrentamento de medos, de situações de violência, entre outros (WESCHENFELDER, 2011).

O reconhecimento da natureza e a identificação das funções das histórias em quadrinhos são condições importantes para a qualificação de um processo educacional que vise à formação integral do indivíduo. Essa tomada de posição em relação ao gênero em questão é ainda mais relevante caso se considere o crescente número de pessoas que vivem em condições desfavoráveis no Brasil e no mundo, portanto, inseridas em um contexto de vulnerabilidade. Diante dessa situação, muitos profissionais da área da educação, psicologia e ciências afins vêm buscando angariar recursos e estudar possibilidades de investimentos em pesquisas que tragam conhecimento acerca de intervenções psicoeducacionais positivas. Segundo Yunes, *et al.*, intervenções positivas buscam auxiliar e apoiar a procura da felicidade e do alívio de sintomas de depressão em nível de prevenção, ou seja, planejar e “intervir antes que as patologias apareçam, quando o indivíduo, grupo ou comunidade ainda estão sãos” (2013, p. 231).

Um grupo, em particular, que merece a atenção de investigadores, refere-se às crianças e jovens que, pelas peculiaridades dessas fases de desenvolvimento, estão expostos a condições que podem resultar em comportamentos, padrões de conduta e rotinas que, por vezes, perduram durante a fase adulta (WINDLE *et al.*, 2004; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004). Reiterando essa preocupação no Brasil, o balanço do governo (janeiro a julho/2015) revelou o registro de 66.518 denúncias de violações de direitos humanos. Destas, 42.114 são relacionadas às violações dos direitos de crianças e adolescentes. Assim sendo, em 63,2% dos casos, os alvos das violações são as crianças, que constituem um segmento bastante fragilizado da população brasileira. Segundo o estudo da Secretaria, os abusos registrados contra crianças e adolescentes estão mais concentrados em episódios de negligência (definida como a ausência ou ineficiência no cuidado), com 76,35%, seguida de

violência psicológica, com (47,76%), violência física, (42,66%) e violência sexual, (21,90%). Estudos indicam que crianças que sofreram abandono ou negligência dos pais, abusos e outros tipos de violências e/ou privações apresentam taxas mais elevadas de comportamentos de risco na fase adulta (COLE, 2014; JUFFER & VAN IJZENDOORN, 2005). Sem a intervenção adequada, os resultados, como baixa autoestima, tendências suicidas, uso de substâncias e comportamento sexual de risco, entre outros, poderão agravar-se ao longo da adolescência e perdurar na idade adulta (ZAPPE & DELLI`AGLIO, 2016).

Em resposta a isso, vários profissionais, de diversas áreas, especialmente da Educação e da Psicologia, buscam soluções para as ameaças à saúde mental de crianças e adolescentes em situação de risco. Nesse sentido, projetos de intervenção com foco na promoção de resiliência devem ser priorizados como possibilidade de prevenção. O presente trabalho traz, como objetivo, a leitura e a análise das HQs em sala de aula, vindo a se somar às discussões relativas ao assunto.

## **1 Intervenções positivas na área da educação**

É consenso a responsabilidade da escola de promover, em conjunto com a família, o desenvolvimento pleno de crianças. No entanto, é nesse mesmo contexto escolar que são registradas inúmeras e frequentes manifestações de comportamentos agressivos, conflitos e uso de expressões de intolerância (ABROMOVAY, 2002; PORTELA, DALBOSCO, 2016). As características dessas violências envolvem bullying (FERNANDES *et al*, 2017; FERNANDES, 2016), agressões físicas e verbais entre pares ou contra educadores, depredações na estrutura física dos espaços, consumo de drogas, porte de armas, preconceito e discriminação, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016).

É inegável a implicação dos riscos causados por essas situações na saúde social das crianças e, sobretudo, na constituição psicológica dos adolescentes em desenvolvimento, tais como prejuízo nas relações sociais; diminuição da qualidade de vida; impactos no desenvolvimento emocional; depressão; transtornos pós-traumáticos, entre outros (PORTELA, DALBOSCO, 2016). Diante dessa realidade, poder-se-ia afirmar a necessidade de muito planejamento e da execução de intervenções protetivas ou “intervenções

psicoeducacionais positivas”. A meta a ser buscada por essas intervenções segue os princípios da Psicologia Positiva e caminha no sentido de provocar reflexões que orientem os jovens a buscarem felicidade e a aliviarem os sintomas das suas experiências de sofrimento e dor (SELIGMAN, *et al.*, 2005). Além disso, são ações que visam a promover resiliência, por meio de transformações de si e de seu meio social (YUNES, 2015) e, conseqüentemente, o fortalecimento pessoal e social. Conforme Yunes, *et al.*, (2013), desenhar e realizar uma intervenção positiva propõe atuar preventivamente, ou seja, operar na etapa em que indivíduos, grupos e comunidades ainda estão saudáveis e produtivos. Tais intervenções somente tornam-se possíveis se os condutores das mesmas partirem de uma visão mais otimista dos seres humanos. Esse é um grande desafio no mundo atual, altamente midiático, que se caracteriza pela oferta e consumo em massa de manchetes e reportagens que vendem o lado perverso e maldoso de alguns seres (des)humanos (WESCHENFELDER *et al.*, 2018). Sendo assim, justifica-se a elaboração de intervenções positivas em ambientes educativos formais, as quais possam suscitar ações que visam a promover aprendizagens transformadoras e geradoras de resiliência a partir de exemplos inspiradores e interações de bons tratos (WESCHENFELDER, 2020b). Entre as ações, situa-se a inserção gênero história em quadrinhos – com seus vários super-heróis – no rol de leituras a serem realizadas em aula, com a mediação do professor.

## **2 As HQs: origem e surgimento do super-herói**

As HQs aparecem, inicialmente, como tira em jornais, no final do século XIX. Era a época do ‘boom’ da imprensa norte-americana, que apostava na promoção dos suplementos dominicais, coloridos, que acompanhavam os jornais (MOYA, 1977). Há controvérsias em relação ao surgimento da primeira HQ, mas muitos indicam que foi a ‘Yellow Kid’, criado por Richard Fenton Outcault, em 1895. A versão apresentava um menino que vestia um camisolão amarelo (daí vem a expressão “jornalismo amarelo”, nos EUA), que exibia frases panfletárias ou cômicas, trazendo um comportamento anarquista contra o *establishment* (MOYA, 1977). A partir desse sucesso, outros personagens foram criados, de modo a originar as histórias em quadrinhos, os comics. O termo da

língua inglesa significa ‘comédia’, visto que as primeiras HQs traziam personagens caricatos e satírico-humorísticos, característica que estava de acordo com sua finalidade: a crítica social.

O sucesso dos encartes colocou, poucas décadas depois, as HQ em lugar de destaque. Como consequência, passaram, em 1937, a revistas semanais, os Comic Books, comercializados independentemente. Nestes, o herói assume papel predominante. A nova condição – e constituição – tem uma explicação: os Estados Unidos viveram, ao largo da década de 1920, uma grave crise econômica, que veio a culminar com o *crash* da bolsa de valores em 1929. Para Viana, isso trouxe “a necessidade de um indivíduo forte, resistente, um verdadeiro ‘herói’” (2005, p. 22), que veio a se materializar, anos depois, nas HQs. Marny (1970) reconhece que há, na época, uma ‘divinização do herói’, oriunda de uma necessidade social. Já Knowles defende que o povo norte-americano estava, à época, com medo, por ter experienciado todos estes acontecimentos. Assim, os personagens das HQs de superaventura “proporcionavam conforto e certa fuga da realidade” (2008, p. 23).

Nessa ordem, as HQs do gênero superaventura (super-heróis) substituem os antigos quadrinhos, com seus desenhos caricatos e suas histórias cômicas, características desde o surgimento das HQs com ‘Yellow Kid’, em 1895.

Os super-heróis nascem, portanto, como consequência de um episódio ligado ao setor da economia – a quebra da bolsa de valores –, que provocou uma catastrófica depressão mundial. Bancos foram à falência, pessoas perderam bens e empregos, a criminalidade cresceu. Na Europa, um ditador prometia grandes mudanças (Adolf Hitler). Segundo Morrison (2012), o palco estava armado para a resposta da imaginação do Mundo Livre.

O terreno, portanto, estava preparado para a aparição do gênero das superaventuras com a figura do super-herói. Para Chopra, “esses super-heróis são desesperadamente necessários para solucionar nossas crises em um mundo tomado por conflitos, terror, guerra, ecodestruição e injustiças sociais e econômicas” (2012, p.14). Esses personagens são, portanto, na opinião do autor, o reflexo e o anseio da sociedade desde seu surgimento, que trazem alívio para as pessoas, pois agem sobre seu imaginário, em um contexto de profunda crise.

Mas quem criou esses personagens? É possível defender que as HQs do gênero superaventura surgiram da consciência dos oprimidos que não conseguem imaginar que eles mesmos são os agentes de sua libertação. Diante da quase inexistência de heróis no “mundo real”, eles lançam suas esperanças nos heróis que produzem, que assomam como substituto daqueles em seu imaginário (VIANA, 2005, p. 24).

Como se pode observar, o super-herói ganhou vida em meio às crises do século XX (Grande Depressão, início da Segunda Guerra Mundial, etc.). Para Knowles, o povo norte-americano estava com medo por ter experienciado todos estes acontecimentos. Assim, os personagens das HQs de superaventura “proporcionavam conforto e certa fuga da realidade” (2008, p. 23). Nasce, assim, um dos objetos de entretenimento – e de formação – mais aclamado e consumido da cultura.

### **3 Os super-heróis e o público infanto-juvenil**

Os super-heróis estimulam virtudes nas crianças, como a coragem, a força para enfrentar desafios, para vencer os medos; a atitude de proteger os mais fracos, defender ideais positivos, etc. (WESCHENFELDER, 2011). Nesse sentido, eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Portanto, os personagens são mais do que ídolos, são modelos morais. Esse posicionamento vai de encontro à ideia, bastante disseminada, de que as HQs – e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema – prejudicam a formação da criança. No confronto do ‘Bem contra o Mal’, temática recorrente nas HQs, não há indução do leitor/espectador à violência; ao contrário, os ensinamentos acionam estratégias de resolução de conflitos com dignidade (WESCHENFELDER, 2011). Assim, as HQs podem se constituir em instrumentos pedagógicos potentes, principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência (MASTEN, 2014; WALSH, 2005; YUNES, 2015).

A Mattel do Brasil, maior fabricante de brinquedos, em conjunto com o Instituto de pesquisa GFK Indicador, realizou uma pesquisa com crianças, para entender que função os heróis ocupam hoje no imaginário infantil. O estudo revelou que, dentre outros aspectos, esses personagens têm função essencial

na formação do público infantil, pois os super-heróis estimulam virtudes, como a coragem de enfrentar desafios, o vigor para vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais e combater o inaceitável. Mais do que ídolos, são modelos a serem seguidos. No entanto, não são desprovidos de medo, e, justamente por isso, são fonte de coragem (GFK INDICADOR, 2008).

Outro exemplo emblemático sobre super-heróis e o enfrentamento de situações de estresse é encontrado com os pacientes da ala de oncologia pediátrica do Hospital A. C. Camargo Center, em São Paulo. Esse Hospital tornou-se conhecido por ter ganhado uma “super ajuda” no tratamento do câncer infantil, ou melhor, uma “Super-Fórmula”. Na tentativa de reforçar a esperança das crianças e alimentar sua vontade de lutar contra o câncer, a ala foi transformada na ‘Sala da Justiça’, nome que faz alusão ao local da equipe de super-heróis das histórias em quadrinhos da DC Comics. Heróis como ‘Batman’, ‘Aquaman’, ‘Mulher Maravilha’, ‘Lanterna Verde’, entre outros da ‘Liga da Justiça’, fazem muito sucesso e são populares entre as crianças. O espaço foi todo redecorado: a sala de brinquedos se transformou em Sala da Justiça, portas e corredores foram adesivados e a fachada ganhou uma entrada exclusiva para os pequenos heróis, que, na verdade, eram os pequenos pacientes que sofriam com diferentes tipos de câncer (A.C. CAMARGO CENTER, 2014).

O projeto foi lançado em 2013 e contempla uma série de ações que foram criadas pela agência JWT. A iniciativa tem como objetivo oferecer mais leveza ao tratamento do câncer infantil. Além dos espaços, os recipientes usados na quimioterapia também foram remodelados e ganharam uma nova roupagem, envoltos por cápsulas baseados nos uniformes dos super-heróis.

Usar os super-heróis, como foi o exemplo desse projeto, reforça a ideia central dessa proposta, que é investigar e buscar promover expressões de resiliência em crianças que sofrem com a doença, trazendo as personagens como modelos de superação, coragem e força. A adaptação de objetos usados pelos super-heróis nos utensílios de medicamentos traça um paralelo entre as batalhas dos personagens contra o mal e a batalha da própria criança contra o câncer. Esta abordagem trabalha com a ideia de invencibilidade, na medida em que a criança usa como modelo o super-herói e sua superpotência que, simbolicamente, irá empoderá-la ao invés de enfraquecê-la. Dessa maneira,

‘convence’ a criança, que, assim como o super-herói, ela também tem poderes de enfrentar qualquer desafio, como a batalha contra sua doença.

Uma ideia pouco disseminada entre o público é que a grande maioria dos super-heróis das HQs sofreram (ou ainda sofrem) com adversidades sociais. As histórias trazem, em seus enredos, a superação dessas adversidades por intermédio do empoderamento e poder de enfrentamento dos males e sofrimentos de diversas formas. Assim, o simbolismo dos super-heróis como uma “ferramenta” de intervenção psicoeducacional e promotora de resiliência e empoderamento traz importantes benefícios a crianças no enfrentamento do sofrimento das adversidades sociais. Projetar esses personagens ficticiais como modelos de superação e possibilitar que as crianças, em seus momentos vulneráveis, se inspirem para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma “virada” (RUTTER, 1987) de grande significado para o resto de suas vidas.

Estudos demonstram (WESCHENFELDER, 2017) que é possível estabelecer paralelos entre as adversidades da vida real de crianças desfavorecidas (por abandono, abuso, etc.), por exemplo, e as histórias de vida ficticiais vividas pelos super-heróis, especialmente no estágio anterior à transformação desses personagens heroicos, ou seja, antes de usarem suas “capas e/ou máscaras e fantasias” (FRADKIN, WESCHENFELDER & YUNES, 2016), sinais simbólicos da força e da coragem para combater o crime e o mal (WESCHENFELDER, 2011). Tal fato leva a questionar e investigar quais seriam as implicações clínicas, sociais, educacionais e políticas dessas semelhanças para a construção de programas de apoio e promoção de resiliência em diferentes ambientes educativos.

#### **4 Não é nem um pássaro, nem um avião!: São os super-heróis pairando em salas de aula**

Talvez poucos profissionais da educação acreditem que os personagens de superaventura possam ser usados como recurso pedagógico de motivação e inspiração no desenvolvimento de crianças. Ao tratar desse tema em um estudo, os pesquisadores do assunto, Fradkin, Weschenfelder e Yunes (2017), destacam o trabalho de Harris (2016). Os autores ressaltam a eficácia de uma



das estratégias usadas pela educadora americana em seu trabalho no contexto de sala de aula, qual seja, possibilitar que as crianças vistam indumentárias dos personagens das superaventuras. Com esta simples movimentação no mundo simbólico infanto-juvenil, algumas crianças revelaram sentir-se especialmente empoderadas, seguras, confiantes e com a coragem e o olhar esperançoso de um super-herói (HARRIS, 2016). O trabalho de Harris sugere, ainda, que o trabalho escolar com os sentimentos de compaixão e preocupação solidária, sublinhados em várias histórias de super-heróis, podem ser ferramentas para prever e conter iniciativas de bullying. Isso está em consonância com os argumentos de Weschenfelder (2014) de que os super-heróis são modelos de valores de ética e educação moral. Nesse sentido, personagens super-heroicos apresentam potencial como recurso educativo e podem se fazer presentes nas salas de aula (WESCHENFELDER, 2014).

Mas, em que medida o personagem pode contribuir na fase que antecede sua transformação em super-herói, ou seja, antes de se empoderar, de adquirir superpoderes, ainda destituído das capas e máscaras que escondem sua identidade real? Como todo o indivíduo da vida real, ele também vive momentos difíceis, enfrenta desafios, obstáculos, enfim, tem suas dificuldades, as quais precisa superar. Em uma indexação das adversidades vividas pelos super-heróis, um estudo (FRADKIN, *et al*, 2016) evidencia que a grande maioria dos personagens de superaventura já viveu ou vive alguma adversidade, tais como orfandade (Homem-Aranha, Superman, Batman), abandono pela família (Hulk, Superman, Viúva Negra), tem um membro da família assassinado (Homem-Aranha, Batman), possui limitações econômicas (Capitão América, Homem-Aranha), sofre sequestro (Homem de Ferro) e Bullying (Homem-Aranha, Capitão América), abusos e violência sexual (Mulher-Gato, Miss Marvel, Canário Negro). Essas histórias de adversidades na fase Pré-Capa/Pré-Máscara dos super-heróis apresentam potencial para promover o empoderamento de crianças de grupos vulneráveis (FRADKIN *et al*, 2016).

Os personagens super-heroicos já estão presentes no imaginário infantojuvenil e, assim, estão automaticamente inclusos numa elaboração interventiva, tendo grande força de identificação lúdica e auxiliando no encontro de caminhos com gosto de empoderamento. Entretanto, cabe ressaltar que, em

um ambiente de sala de aula, existe uma linha tênue entre se inspirar nos super-heróis e ter um profissional da educação como tutor ou mediador para promover uma intervenção usando super-heróis. Harris (2016) acredita que os super-heróis possam ser uma fonte de motivação e inspiração positiva para crianças. Portanto, em sala de aula, o uso de super-herói tem um imenso valor por razões afirmadas pela autora, que são a socialização, a reciprocidade, a promoção de resiliência, a construção da comunidade e o empoderamento da criança (WESCHENFELDER, 2020a). Nesse sentido, levar o jovem leitor a identificar-se com os super-heróis pode ser visto como uma iniciativa de formação, e a utilização da figura dos super-heróis das HQs entre populações vulneráveis de crianças (FRADKIN *et al*, 2016) como estratégia de reabilitação.

Como exemplo de super-herói que pode servir de referência para a criança pode constar um dos mais famosos super-heróis das HQs, o Homem-Aranha. Trata-se de uma figura fictícia carimbada na vida de muitas crianças, que se identificam com ele. Peter Parker (alter ego do Homem-Aranha) é um jovem que luta contra as tentações humanas comuns, bem como contra os entraves da adolescência (aceitação do próprio corpo, bullying, etc). Após ser picado por uma aranha radioativa, adquire superpoderes: quando incorpora o herói, aciona supersentidos e poderes que lhe permitem, por exemplo, escalar paredes e atirar teias para capturar inimigos.

E o que faz um personagem adolescente se tornar um herói, que salva vidas, mesmo colocando a sua em risco, em vez de usar seus poderes em benefício próprio? Peter Parker foi adotado pelos tios, os simpáticos e adoráveis Ben e May Parker, pois seus pais morreram em um terrível acidente de trânsito. Após ser picado pela aranha, fato que lhe conferiu poderes, seu tio Ben, sentindo que havia algo de diferente no sobrinho, adverte-o de que um grande poder sempre vem acompanhado de grandes responsabilidades. O alerta do tio torna-se, após o assassinato de Ben, uma máxima para Peter, de maneira a levá-lo à decisão de se transformar, quando necessário, no super-herói Homem-Aranha.

A decisão de Parker em se tornar super-herói, portanto, é pessoal. Isso significa que ele teve a escolha, também, de viver uma vida comum, da qual abdicou. O fato de escolher outro caminho – o de ser o Homem-Aranha – é que faz suas ações serem dignas de louvor. A enorme responsabilidade que vem

com o grande poder não é o dever de usar esse poder como Homem-Aranha (um super-herói), mas é, no máximo, uma obrigação de não prejudicar os outros, usando-o de maneira errada. A escolha de Peter, portanto, constitui-se em um ato nobre. Escolher e cumprir o dever, ajudar os indefesos e proteger estes das perversas maquinações dos vilões são atitudes que o tornam um super-herói.

Como é possível trabalhar com essa personagem em sala de aula? Em primeiro lugar, levando os alunos a refletirem sobre a escolha de Peter, a de usar suas habilidades em prol da sociedade que vive. Além disso, é possível ponderar sobre as questões éticas e filosóficas inseridas nas histórias. O personagem é um exemplo de luta contra o preconceito, o bullying, além de ser um arquétipo de superação, na medida em que lida com sua condição de órfão de pai e mãe. Portanto, ele pode ser visto como uma referência positiva.

Outro exemplo de HQs adequada para trabalhar em sala de aula são as X-Men. Essas HQs trazem questões a respeito do preconceito racial, da aceitação do outro, do convívio pacífico entre os diferentes. Os X-men foram criados na década de 1960, no auge da luta dos Direitos Civis, e a figura pacifista de Charles Xavier foi comparada a de Martin Luther King, e o personagem Magneto, a Malcom X. Além de tratar da história norte-americana, as histórias trazem à tona, diretamente, temas ligados à Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nestas HQs, os super-heróis são adolescentes mutantes e, por isso, repugnantes aos personagens “normais”, que os temem e os odeiam, tratando-os como animais. Ao contrário dos “normais”, os jovens mutantes não são capazes de odiar, de discriminar, muito pelo contrário, lutam em defesa das pessoas. Nas histórias, ainda aparecem outros mutantes, que não acreditam na aspiração de Charles Xavier (mentor dos X-men), e veem que o convívio pacífico é impossível de se concretizar. O personagem Magneto, por exemplo, admite que “a humanidade sempre temeu o que ela não compreende” (SINGER, 2000) e defende a ideia de que, cansados de sofrerem discriminação, os seres superiores (mutantes), com o tempo, também passarão a discriminar os ‘humanos’.

Os X-men são preparados para defender a humanidade dos ataques de outros mutantes, são preparados para defender aqueles que tanto os temem e

odeiam. Por que os X-men respeitam tanto os seres humanos apesar de estes os rejeitarem? O que faz com que se engajem numa luta para a convivência pacífica entre humanos e mutantes? Enfim, por que os X-men são bons? Essas são algumas questões que podem ser levantadas no momento da leitura dos textos com os alunos.

### **Considerações finais**

Às HQs e suas histórias pode ser atribuída somente a função de entretenimento. Entretanto, uma breve incursão pelas narrativas revela que esse posicionamento é equivocado. O simples fato de se ter investido tanto na difusão dessas histórias, seja na sua forma impressa, clássica, seja na forma das mídias eletrônicas mais recentes, aponta para algo além do imediato. É facilmente identificável que as HQs não são tão inocentes como parecem e não trazem tão somente entretenimento ao seu leitor. As histórias introduzem e abordam, de forma vívida, questões de suma importância enfrentadas pelos humanos em seu cotidiano, relacionadas à ética, à responsabilidade pessoal e social, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, ao sentido de vida, ao que se pensa da ciência e da natureza, à amizade, à vida em família, à coragem de enfrentar medos, à superação, à resiliência. Talvez por este motivo muitos se prendem ao universo dos super-heróis e dão grande audiência a este tema. A leitura e assistência de HQs pode provocar, no leitor/espectador, a reflexão sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou conflitos entre a compaixão e a justiça, exatamente por apresentarem atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Nessa ordem, os personagens são mais que ídolos, são modelos.

Assim, na contramão do que muitas pessoas pensam, as HQs e suas adaptações para os desenhos animados de TV e para o Cinema não prejudicam a formação da criança, muito pelo contrário, ajudam-na em sua formação. No confronto do 'Bem contra o Mal', temática recorrente nas HQs, não há indução do leitor/espectador à violência, mas os ensinamentos apontam para as possibilidades de resolver conflitos com dignidade moral (WESCHENFELDER, 2011). Portanto, as HQs constituem-se em instrumentos pedagógicos,

principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência (MASTEN, 2014; WALSH, 2005; YUNES, 2015, entre outros).

Percebe-se, assim, a relação entre a vida dos super-heróis, marcada pela vulnerabilidade, e as adversidades que muitas crianças enfrentam em seu dia a dia. Assim, as narrativas dos super-heróis podem se constituir em ferramenta de intervenção psicoeducacional e promotora de resiliência e empoderamento. A identificação com os super-heróis dos quadrinhos pode auxiliar crianças a enfrentarem o sofrimento de suas (ainda) incompreensíveis adversidades. Projetar esses personagens ficcionais como modelos de superação, e possibilitar que as crianças em momentos vulneráveis de suas vidas se inspirem nelas para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma “virada” de grande significado para o resto de suas vidas. Nesse contexto, os super-heróis se constituem em grande potencial para o desenvolvimento humano de crianças.

## **Notas**

\*Doutor e Mestre em Educação. Graduado em Filosofia. Pós Doutorando no PPG de educação da PUCRS. E-mail [gellfilo@gmail.com](mailto:gellfilo@gmail.com).

\*\*Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana; Mestre em Teoria da Literatura e Graduado em Língua Portuguesa. Docente do PPG de Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: [ernani@feevale.br](mailto:ernani@feevale.br)

## **Referências**

ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: Unesco Brasil, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf> . Acesso em: 21.05.2019.

A.C. CAMARGO CENTER. **Superfórmula para combater o câncer**. 2014. Disponível em: <http://www.accamargo.org.br/superformula/>. Acesso em 20/05/2015.

ANDRÉ, M. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos de 1990 e 2000. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v.01, n.01, p. 41-56, 2009.

CHOPRA, Deepak. **As 7 leis espirituais dos super-heróis**. São Paulo: La Fonte, 2012.

FERNANDES, G.; YUNES, M. A.; TASCHETTO, L. R.. Bullying no ambiente escolar: O papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista sociais e Humanas**, v. 30, p. 141-154, 2017.

FERNANDES, Grazielli. **Violência doméstica e bullying [manuscrito]:** a percepção da rede de relações sob ótica da bioecologia do desenvolvimento humano. Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.

FRADKIN, C., WESCHENFELDER, G. V., & YUNES, M. A. M. **The pre-cloak superhero:** a tool for superhero play and intervention. *Pastoral Care in Education*. March 2017.

FRADKIN, C., WESCHENFELDER, G. V., & YUNES, M. A. M. **Shared adversities of children and comic superheroes as resources for promoting resilience:** Comic superheroes are an untapped resource for empowering vulnerable children. *Child abuse & neglect*. 2016. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213415003683> Acesso em: 13.07.2010.

GATTI, B. A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, v.17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GATTI, B. A. & BARRETO, E. S. S. (coords.). **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO. 2009. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>. Acesso em: 02.05.2020.

GFK Indicador. **Estudo exploratório do imaginário infantil.** Agosto 2008 (pesquisa exclusiva para Mattel).

GRAEFF, Lucas. Cultura e Ideologia. In: BERNIS, Z.; KAYSER, P.(Org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura.** 2ª ed. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

HARRIS, K. I. Heroes of resiliency and reciprocity: teachers' supporting role for reconceptualizing superhero play in early childhood settings. **Pastoral Care in Education**, v. 1 n.16, 2016.

IMBERNÓN, F. **Formação Continuada de Professores.** (Trad. Juliana dos Santos Padilha). Porto Alegre: Artmed, 2010.

IRWIN, William; MORRIS, Matt; MORRIS, Tom. **Super-heróis e a filosofia:** verdade, justiça e o caminho socrático. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2005.

JUFFER, F., & VAN IJZENDOORN, M. H. Behavior problems and mental health referrals of international adoptees. A meta-analysis. **Jama**, v.293, p.2501-2515, 2005.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são Super-Heróis.** Tradução: Marcello Borges. São Paulo: Cultrix, 2008.

MACHADO, J. A. **A escola como espaço de formação continuada de professores:** um estudo no contexto da Rede Municipal de Ensino de CANOAS-

RS (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade La Salle. 2013.

MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias em quadrinhos**. Porto: Civilização, 1970.

MASTEN, A. S. **Ordinary magic: resilience progresses in development**. New York, London: The Guilford Press, 2014.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo: Seoman, 2012.

MOYA, Álvaro. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

PORTELLA, Jaqueline G.; DALBOSCO, Débora D.. **Violência escolar: Associação com violência intrafamiliar, satisfação de vida e sintomas internalizantes**. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 36, n. 91, p. 340-356, 2016.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v.57, 1987.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. London: Sage, 2013.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura?** 6º Ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1987.

SELIGMAN, M. E. P. STEEN, T. A., PARK, N. & PETERSON, C. **Positive Psychology Progress: Empirical Validation of Interventions**. American Psychologist, v. 60, n.5, p. 410-421, 2005.

SILVA, G. F.; MACHADO, J. A. Saberes em diálogo: a construção de um programa de formação docente em uma rede municipal de ensino. **Revista Ibero-Americana de educación**, v. 77, p. 95-114, 2018.

SINGER, Bryan. **X – Men: O Filme**. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.

UNICEF. **Guia municipal de prevenção da violência letal contra adolescentes e jovens**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL\\_RevisaoFINAL\\_04MAI.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf). Acesso em: 14.06.2020.

VAILLANT, D. Análisis y reflexiones para pensar el desarrollo profesional docente contínuo. **Revista Educar**, nº Especial 30 aniversário, p. 55-66, 2014. Disponível em <http://educar.uab.cat/article/view/v50-esp-vaillant/pdf-es>. Acesso em: 21.03.2020.

VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Editora Roca, 2005.

WESCHENFELDER, Gelson. **Homens de Aço? Os super-heróis como tutores de resiliência**. Curitiba: Appris, 2020a.

WESCHENFELDER, G. V.; YUNES, M. A. M.; FRADKIN, Chris . **Super-heróis na fase pré-capá/pré-máscara: inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas.** Pesquisa e práticas psicossociais, v. 15, p. 1-12, 2020b.

WESCHENFELDER, G. FRADKIN, C. & YUNES, M. A. M. Super-Heróis na fase Pré Capá/Pré-Máscara como base de inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. **Psicologia – Teoria e Pesquisa.** 2018.

WESCHENFELDER, Gelson. **Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2017.

WESCHENFELDER, Gelson. **Aristóteles e os super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos.** São Bernardo do Campo, SP: Garcia edizioni, 2014.

WESCHENFELDER, Gelson. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes.** Dissertação, Unilasalle, 2011.

WESCHENFELDER, Gelson. **Filosofando com os super-heróis.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

WINDLE, M., GRUNBAUM, J. A., ELLIOTT, M., TORTOLERO, S. R., BERRY, S., GILLILAND, J., SCHUSTER, M. Healthy passages: A multilevel, multimethod longitudinal study of adolescent health. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 27, p. 164-172, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on violence and health.** Geneva: WHO, 2002. Disponível em: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf) Acesso em: 20.12.2019.

YUNES, M. A. M. Dimensões conceituais da resiliência e suas interfaces com risco e proteção. In MURTA, C. L.; FRANÇA, C. L.; BRITO, K.; POLEJAK, L. (Org.). **Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamentos e estratégias de intervenção.** Novo Hamburgo: Synopsis, 2015.

ZAPPE, J & DELL`AGLIO, D. D. **Risco e Proteção em adolescentes que vivem em diferentes contextos: Família e institucionalização,** Revista Colombiana de Psicologia v. 25, p. 289-305, 2016.

Recebido em: agosto/2021.  
Aprovado em: agosto/2022.